



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
PRÓ-REITORIA DE ENSINO TÉCNICO, MÉDIO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO:
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

DAMIANA ARISVÂNIA BATISTA BERTO CAMPOS

A HOMOSSEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR: vivência, problemas e possíveis
formas de ajuda.

MONTEIRO – PB

2014

DAMIANA ARISVÂNIA BATISTA BERTO CAMPOS

A HOMOSSEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR: vivência, problemas e possíveis formas de ajuda.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof. Dra. Jussara Carneiro Costa

MONTEIRO – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C198h Campos, Damiana Arisvânia Batista Berto

A homossexualidade no espaço escolar [manuscrito] : vivência, problemas e possíveis formas de ajuda. / Damiana Arisvânia Batista Berto Campos - 2014.

50 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Ped. Interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanadas e Exatas, 2014.

“Orientação: Profª. Dra. Jussara Carneiro Costa, Departamento de Serviço Social”.

1. Homossexualidade. 2. Problemas vivenciados. 3. Diversidade. I. Título.

21. ed. CDD 372.372

DAMIANA ARISVÂNIA BATISTA BERTO CAMPOS

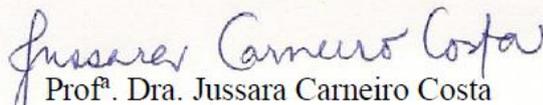
A HOMOSSEXUALIDADE NO ESPAÇO ESCOLAR: vivência, problemas e possíveis formas de ajuda.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares, da Universidade Estadual da Paraíba, em parceria com a Secretaria de Estado da Educação da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof. Dra. Jussara Carneiro Costa

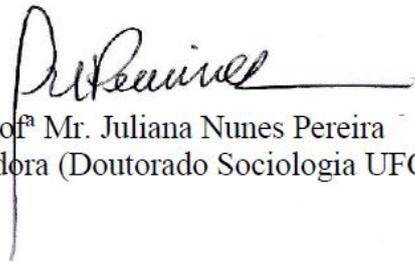
Aprovada em 25 de agosto de 2014

Banca Examinadora



Prof^ª. Dra. Jussara Carneiro Costa

Orientadora (Universidade Estadual da Paraíba – CCSA)



Prof^ª Mr. Juliana Nunes Pereira
Examinadora (Doutorado Sociologia UFCG)



Prof^ª Mr. Cibelle Jovem Leal
Examinadora (Mestre em História/UFCG)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha família, meu marido e meus filhos, a todos os meus amigos e amigas que sempre estão ao meu lado, proporcionando momentos de alegria, descontração e prazer em todos os momentos da vida.

Aos professores e colegas do curso de especialização da UEPB, pela companhia e pela dedicação, além do apoio e incentivos de ir cada dia mais além nos estudos, pesquisas e reflexões para melhoria da formação continuada, do ensino defasado da atualidade e muitos pressupostos que nos levem a cada dia melhorar a qualidade de ensino e a didática em sala de aula.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus pelo dom da vida e por todos os momentos de conhecimentos que Ele me proporciona, pelos momentos felizes com a família, parentes e amigos.

Ao meu marido e meus filhos, que com toda paciência do mundo entenderam minha dedicação nesta pesquisa, no desenvolvimento deste estudo.

Agradeço a todos os colegas da classe da especialização, pela amizade e companheirismo no decorrer do curso, as novas amizades e o fortalecimento das existentes.

Agradeço a minha orientadora Jussara pela paciência, apoio e incentivo para conclusão deste estudo. A todos os participantes da banca examinadora pela contribuição no aperfeiçoamento deste.

A vocês, meu muitíssimo obrigado.

Só que homossexualidade não existe, nunca existiu. Existe sexualidade - voltada para um objeto qualquer de desejo. Que pode ou não ter genitália igual, e isso é detalhe. Mas não determina maior ou menor grau de moral ou integridade.

Caio Fernando Abreu

RESUMO

O estudo em questão diz respeito a um levantamento da situação atual que vivem os alunos homossexuais da Escola Estadual de Ensino Médio Inovador Integrado a Educação Profissional José Leite de Souza, em relação a vivência, desejos, problemas familiares e escolares, sejam com a mãe, pai e irmão, como com colegas de classe ou alunos da instituição, e os momentos de bullying que presenciam e sofrem no âmbito escolar. Neste apresenta-se um levantamento bibliográfico dos aportes relacionados com a homossexualidade, sua teoria, conceitos, mitos e características, de momentos históricos atuais e passados, em que um tem influência sobre o outro. A metodologia adotada foi a pesquisa de campo, englobando 4 alunos que decidiram contribuir, descrevendo seus desejos e momentos vivenciados em casa e na escola, para contribuição deste estudo, aplicando-lhes um questionário com perguntas abertas. Como objetivo geral deste estudo, tivemos a identificação dos principais problemas de vivência no contexto escolar que os homossexuais enfrentam, apontando possíveis maneiras de ajudar para minimizar o presente quadro. Como conclusão, foi identificado que os alunos estavam mais liberais em expor sua orientação sexual, tendo momentos de descontração e aceitação quando na presença dos amigos e confiança e medo na presença de pessoas homofóbicas. Nos momentos que tem problemas na escola, mesmo sofrendo bullying, os colegas, professores e o sistema vigente na escola, defendem estes alunos, mesmo sendo uma pequena iniciativa, que vale muito para luta contra este mal.

Palavras-chave: Homossexualidade. Problemas vivenciados. Diversidade

ABSTRACT

This study concerns a survey of the current situation as the gay students at the State School José Leite de Souza, for the experience, desires, family and school problems, whether with his mother, father and brother, as with colleagues class or students of the institution, and the moments of suffering, and who witness bullying in schools. This presents a bibliographical survey of contributions related to homosexuality, his theory, concepts, myths and characteristics, current and past historical moments in which one influences the other. The methodology included field research, involving 4 students decided to contribute, describing their desires and moments experienced at home and at school, to study this contribution by applying them to a questionnaire with open questions. As a general objective of this study, we identify the main problems of working in a school context that homosexuals face, pointing to possible ways to help minimize this framework. In conclusion, it was identified that students were freer to expose their sexual orientation, and moments of relaxation and acceptance when in the presence of friends and distrust and fear in the presence of homophobic people. In the moments that have problems in school, even being bullied, colleagues, teachers and the current system in school, these students argue, even as a small initiative, which is worth a lot to fight against this evil.

Keywords: Homosexuality. Experienced problems. Diversity

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 OBJETIVOS.....	13
2.1 Objetivo Geral.....	13
2.2 Objetivos específicos.....	13
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
3.1 Contemporaneidade: sujeito e cultura.....	14
3.1.1 Multiculturalismo e alteridade.....	16
3.1.2 Diversidade e identidade.....	18
3.2 Aportes da homossexualidade.....	20
3.3 Identidade do homossexual.....	25
3.3.1 Estereótipos.....	26
3.3.2 Identidade.....	27
3.4 Homossexualidade no ambiente escolar.....	31
3.4.1 Homofobia no ambiente escolar.....	32
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	37
4.1 Tipologia da pesquisa.....	37
4.2 Definição do Universo.....	37
4.3 Elaboração da técnica e dos instrumentos de investigação.....	37
4.4 Fases da coleta de dados.....	38
4.5 Análise e interpretação dos dados.....	38
5 RESULTADOS.....	39
5.1 Perfil dos participantes da pesquisa.....	39
5.2 A descoberta da homossexualidade.....	40
5.3 Comportamentos e orientação sexual dos alunos.....	41
5.4 A homofobia no ambiente escolar.....	42
5.5 Diferenças e incentivos dos amigos.....	43

5.6 A escola e a homossexualidade.....	43
5.7 Experiência na homossexualidade.....	45
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

A vivência educacional é variada pelas suas características e peculiaridades referentes ao alunado, de modo que a vida escolar está repleta de características diferentes, desejos distintos, conflitos novos e velhos, levando a identidade a ser construída de forma clara e plena pela escola e o corpo pedagógico com paralelismo com a convivência em sala de aula com os demais colegas.

Com isso, deve-se ter um planejamento na melhor forma de adotar uma prática docente que seja eficaz e que sane grande parte das necessidades para desenvolver a cidadania e determinar ou apontar a identidade do cidadão, levando-o a viver em sociedade da melhor forma, exercendo seus direitos e deveres, sendo respeitado, e respeitando os demais, seja no ambiente escolar, familiar e social.

Um dos fatores que maior se destaca é a homossexualidade.

No dia 17 de maio de 1990 a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou a homossexualidade da lista internacional de doenças, desclassificando-a como tal, mesmo assim era tratado em alguns países como questão de saúde pública, devendo ser curada, e mesmo assim, a homossexualidade estava presente na sociedade, viva, ativa, incumbida dos olhos da sociedade.

Assim, para VISCARDI (2013) o tema deve ser imposto pelos professores no currículo escolar, pois os mesmos se deparam, independente da disciplina que lecionam, com questões relacionadas à homofobia, considerando que este tema deveria ser abordado em suas aulas. No entanto, existem diversos momentos em sala de aula, situações que promove trabalhar a diversidade entre os povos, as culturas, e diversos professores não têm a responsabilidade de tratar das questões relacionadas a homossexualidade e a homofobia. GARCIA (2013) aponta que os homossexuais são vítimas de preconceitos e diversas manifestações de reações violentas, sendo considerados em muitos casos atos, de brutalidade, covardia, ou seja, atos desumanos.

Portanto, o professor deve conhecer a situação atual da escola, dos alunos homossexuais e os momentos de homofobia, de alegria, a convivências com os colegas, com os demais professores e diretores, para saber determinar e adotar uma prática docente que melhor adéque na situação escolar.

Após sete anos atuando como gestora adjunta em uma escola, houve a oportunidade de poder ouvir e presenciar problemas de alunos homossexuais, em momentos de conversa com

os alunos, brigas entre colegas de classe envolvendo a homofobia, xingamentos com palavras ofensivas contra os homossexuais, tanto no âmbito familiar como escolar. Histórias estas, que em muitas vezes, despertaram a vontade de buscar ajuda, ao deparar-se com essa oportunidade, tentando estudar, ler e escrever sobre o assunto, para adentrar no universo dos homossexuais, para melhor entender e compreender os trilhos para se buscar a ajuda, dentro do âmbito escolar, seja através de atividades, conversas, palestras e intervenção perante a família.

Percebe-se que, mesmo tão presente na contemporaneidade, o tema Homossexualidade ainda é um assunto de grande repercussão, geralmente considerado como “tabu” causando diversas reações, que englobam surpresa, vergonha, risos, horror, desdém e desconfiança.

Sendo a escola um dos primeiros contatos sociais que a criança e o adolescente encontram em suas vidas, é lá, portanto, ocorre o primeiro contato com o preconceito. São comuns nas escolas acontecerem brincadeiras de mau gosto, maus tratos físico e/ou verbal ao indivíduo homossexual, podendo causar-lhe grandes danos psicológicos e morais, sem que os demais percebam e assim dando continuidade as suas “brincadeiras”. Nos tempos atuais há uma grande necessidade de repensar sobre as relações humanas, focando principalmente na homossexualidade.

A homossexualidade não é mais vista como doença, desvio, ou crime pela medicina e psicologia. Porém a escola continua a esquivar-se de tratar desse assunto, por se tratar de uma questão que engloba diversos fatores, como sociedade, família, preconceitos, e quando a mesma tenta mencionar o tema, vem carregado de preconceitos e piadas contribuindo assim para a exclusão e violência desse grupo social. Além do fato de que muitos profissionais da educação, mesmo em sala de aula, desconsideram que existam pessoas que tem uma orientação sexual diferente das demais, tratando como igualitários do ponto de vista da normalidade apontada pela sociedade, de indivíduos criarem afetos amorosos para com o sexo oposto.

Desta forma, em caráter de urgência, deve haver mudanças, para que a escola abranja mais sobre esse assunto, dando oportunidade aos alunos de se aproximarem mais e de obter mais conhecimento, para perceberem seu lugar no âmbito escolar e na comunidade, afinal é na escola que o aluno conhece seus direitos e deveres, tem oportunidade de se manifestar, construir sua própria opinião e sua identidade e aceitar as diferenças dos outros.

Portanto, a questão a ser respondida está relacionada a qual melhor e mais eficaz prática a ser adotada pelo professor para lidar com as questões englobadas com a homossexualidade e com a homofobia presente em sala de aula?

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Identificar os principais problemas de vivência no contexto escolar que os homossexuais enfrentam, apontando possíveis maneiras de ajudar para minimizar o presente quadro.

2.2 Objetivos Específicos

- Aprofundar os conhecimentos a respeito da homossexualidade;
- Pesquisar sobre o presente quadro dos homossexuais na Escola Estadual de Ensino Médio Integrada a Educação Profissional José Leite de Souza;
- Analisar a vivência dos alunos com opção sexual diferente perante a classe e os profissionais da educação;
- Identificar os problemas que os alunos homossexuais enfrentam na escola, e sua relação com os colegas e profissionais da educação;
- Conhecer práticas educacionais que visem reverter à situação da vivência e dos problemas existentes na escola do aluno homossexual.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 Contemporaneidade: sujeito e cultura

O termo identidade é o simples fato de ser aquilo que é, sendo concebida do que parece ser uma positividade, uma característica independente. Já a diferença é tida como uma oposição à identidade, a diferença daquela que o outro é, sendo caracterizada como autorreferenciada, remetido ao próximo. (SILVA, 2011).

Ao se falar que “sou estudante” se remete a uma verdade, implicando numa identidade, estado presente uma extensa cadeia de expressões negativas de identidade, que se remete ao fato de “não sou professor”, “não sou agricultor” e sim sou estudante. Da mesma forma, as maneiras da diferença só são compreendidas em relação com as afirmações referentes à identidade. Se “ela é Monteirense”, significa dizer que “ela não é campinense” ou que “ela não é Pessoense”.

Desta forma, de acordo com Silva (2011) a identidade depende da diferença e a diferença depende da identidade, reciprocamente, sendo desta forma, inseparáveis. Esta afirmação remete que a identidade e a diferença estão em estreita relação de poder, pois onde se tem a diferenciação, ou seja, a identidade e diferença, está presente o poder.

Como exemplo pode citar o incluir/excluir (estes pertencem a determinado grupo e aqueles não), demarcar ponteiros (nós e El@s), classificação (aqueles são bons, aqueles são maus).

A escola é o âmbito que acomoda as mais variadas características, diferenças, seja de alunos e profissionais da educação. Ela já incumbiu de separar os sujeitos, que distinguiu os que tiveram acesso a escola, separando também os indivíduos através de outros mecanismos de classificação, ordenação e hierarquização.

Para Louro (1997) a escola é um lugar que separa o que se pode ou não fazer, separando os pequenos dos grandes, dos meninos e das meninas, seja através dos seus quadros, crucifixos, santos ou esculturas, apontando aqueles (as) que deverão ser modelos, permitindo que os sujeitos se reconheçam, ou não, nesses, se encaixando ou não nos moldes.

Esta distinção é claramente constituída para diferenciar os gêneros, sexualidade, etnia e classe, que são os fatores envolvidos com a escola, como os currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação e

outros (LOURO, 1997). Porém é preciso questionar estes fatos, não só apenas o modo em que se apresenta o modo de ensinar, também o sentido que o alunado dá ao que aprendem.

O trabalho no campo educacional haverá momentos que os profissionais da educação que devem lidar com as múltiplas e complicadas combinações de gêneros, sexualidade, classe, raça, etnia. Essas dimensões estão presentes fortemente nas escolas, sendo considerada tarefa difícil de está inserido com estas situações.

No entanto, o mais importante do que ouvir o que é dito sobre os sujeitos, parece ser perceber o não dito, ou seja, o discurso que é silenciado, seja porque não pode existir ou por não poderem ser nomeados.

Como maior exemplo deste fato é o ocultamento ou a negação dos homossexuais pela escola (LOURO, 1997). Na qual

Ao se falar a respeito deles ou delas, talvez se pretenda ‘eliminá-los’, ou, pelo menos, se pretenda evitar que os alunos e as alunas ‘normais’ os/as conheçam e possam desejá-los/as. Aqui o silenciamento – a ausência da fala – aparece como suma espécie de garantia da ‘norma’. A ignorância, (...) é vista como mantenedora dos valores ou dos comportamentos ‘bons’ e confiável. (LOURO, 1997, p.6).

Com isso, estes homossexuais ao serem legitimados em sala de aula são rotuladas como desviantes e ridicularizados, sendo lançados a insultos na hora do recreio.

A respeito dos livros didáticos, Louro (1997) afirma que há diversas representações dos gêneros étnicos, correspondente as classes sociais, que através de diversas análises que apontam na concepção de dois mundos distintos, um que envolve o público masculino e um mundo doméstico feminino. No entanto, não trata da diversidade de arranjos familiares e sociais, a pluralidade das ações realizadas pelos sujeitos, o cruzamento das fronteiras, as trocas, solidariedades e outros fatores envolvidos com a realidade do ser humano.

Com relação a barreira que uma aluna venha a ter perante sua sexualidade, em que esta jovem pode se reconhecer como homossexual, tendo que desvincular o significado que lhe deram sobre o gay ou a lésbica, ou seja, será preciso deixar de percebê-los como desvios, doenças, formas anormais e ilegais de sexualidade (LOURO, 1997)

Portanto é preciso visar que a escola é incumbida de fabricar sujeitos, produzir identidades étnicas, de gêneros, de classe e reconhecer que essas identidades são intrinsicamente ligadas a escola, e que não se deve colaborar com a divisão social, certamente foi encontrada justificativas para interferir na continuidade dessas desigualdades. (LOURO, 1997)

Através dos pensamentos de Louro (1997), deve-se pensar antes de viabilizar as estratégias de intervenção é necessário reconhecer as formas que as instituições das desigualdades sociais se apresentam. Deve-se ter sensibilidade e disposição para conhecer as teorias, pesquisas e ensaios a respeito dos estudos dos gêneros e étnicos, como os estudos culturais e estudos gays e lésbicos, que são elementos cruciais para afirmar o olhar, estimulado as inquietações, provocando as questões que se deseja lançar.

3.1.1 Multiculturalismo e alteridade

Diversas formas de manifestações culturais vêm sendo apontadas pelos meios de comunicação em massa, que os grupos dominantes na sociedade expressam suas formas de cultura em paralelo ao poder perante a mesma.

O termo multiculturalismo tem seu vínculo com os países dominantes do Norte das Américas, em que este fenômeno é fundamentalmente ambíguo. De um lado, é visto como um movimento dos grupos culturais dominados no interior daqueles países, reivindicando suas formas culturais para serem reconhecidas e representadas em nível de cultura nacional. Por outro lado, o multiculturalismo é visto como uma solução para os problemas da presença de grupos raciais e étnicos colocado no interior daqueles países, para ser inserida na cultura nacional dominante. (SILVA, 2001)

Assim, não se pode separar o multiculturalismo da relação de poder que existe nos países ricos, obrigando cada classe nacional, étnicos e raciais a viverem e conviverem com cada um, em um mesmo âmbito.

Para Silva (2001) não é viável estabelecer critérios que transcendam para determinar se há culturas que possa ser considerada superiores a outra. Deve-se pensar que as diferentes culturas seriam baseadas apenas nas manifestações artificiais profundas vinculadas às características humanas, da mesma forma que os diferentes grupos culturais se tornam iguadas através da sua comum humanidade. Desta forma, “deve-se tolerar e respeitar a diferença porque sob a aparente diferença há uma mesma humanidade” (SILVA, 2001, p. 3).

Para Silva (2001) o termo tolerância implica numa certa superioridade por parte de quem mostra ‘tolerância’, e a noção de respeito implica certo essencialismo cultural, pelo qual as diferenças culturais são vistas como finas, restando o fato de apenas ‘respeitá-las’.

Em termos curriculares, a questão do multiculturalismo, pretende inovar em sua atuação, substituindo as obras consideradas como excelência da produção intelectual por

obras que são caracterizadas intelectualmente inferiores que tem conteúdos produzidos por representantes das classes consideradas instável, como os negros, mulheres, homossexuais. (SILVA, 2001). Nesta nova forma de atuação, são apresentados os valores da civilização ocidental, que são colocados às questões dos riscos do estilo de vida dos homossexuais, como por exemplo, tornando matéria curricular.

De acordo com Molar (2008) o termo alteridade assegura que este tem que colocar-se ou contribuir-se como outro, isto é, reconhecer-se no outro.

A abordagem através da alteridade se configura no campo complexo e híbrido, constituído de diversas culturas, que promove uma área de estudos e debate criativa e de incessante interação entre realidades distintas, já que se trata de se conhecer no outro. (FLEURI, 2003 apud MOLAR, 2008).

A globalização e o desenvolvimento dos meios de comunicação intensificaram os conflitos da relação entre os grupos sociais e com isso, se inserem neste quadro, as escolas e o campo educacional.

Na sociedade atual não há espaço para se construir a identidade do ser através dos moldes tradicionais, considerados como caráter rígido e inegociável. E sim, a globalização proporciona uniformizar e diferenciar os grupos culturais e seus indivíduos no panorama social, formando o ser de acordo com as peculiaridades de cada cultura (MOLAR, 2008)

No campo educacional encontra-se a noção de interculturalidade que é a busca pela construção da diversidade, propondo um trabalho para lidar com o temor diante o ‘outro’, visando valorizar a pluralidade cultural, social e étnico. (MOLAR, 2008)

As identidades não se formam de modo automático, e sim são independentes para que os indivíduos utilizem-na. Para Molar (2008) se passa a se reconhecer em qualquer relação, através das interferências de questões sociais e de subjetivos dos indivíduos.

Para Molar (2008)

visando os tempos pós-modernos as identidades multiplicam-se, ao mesmo tempo em que se fragmentam. O homem pós-moderno ao adquirir novas facetas indenitárias, adquire também, mas um aspecto de diferenciação perante o ‘outro’.
(MOLAR, 2008, p. 1444)

Com isso o indivíduo carrega em si múltiplas identidades, ao ter ligação e conhecer mais pessoas, culturas, e correlacionando com suas culturas vinculadas, que podem ser semelhantes ou não de hábitos e padrões.

Na escola ao se depararem com as diferentes identidades, esta deve ter a função de mediar seus significados, tendo em mente a compreensão da diferença, para se alcançar o aprofundamento dos termos vigentes na alteridade. (MOLAR, 2008). No entanto, este fato é bastante complexo, oriundas das dificuldades presentes nos universo da relação sociedade e cultura, apresentada na contemporaneidade.

A partir dos parâmetros de Peter Melaren (1997) apud Molar (2008) só se pode aprofundar da alteridade nas relações educacionais perante um currículo e de uma prática educacional independente.

3.1.2 Diversidade e identidade

De acordo com Louro (1997), diversos estudiosos vêm apresentando em suas conclusões que a cada dia que passa os homens vão perdendo seu papel de superioridade perante a sociedade, cedendo espaço para as mulheres, que requerem destaque, seja nos movimentos gays e em manifestações para reivindicar seus direitos. Este fato está mais firmemente incumbido na sociedade atual, em que as mulheres estão ganhando mais espaço, seja no mercado de trabalho, na família, e na sociedade em geral.

A relação entre esses seres, essa prática de convivência em sociedade, estava semelhante a um jogo, em que os participantes sempre estão em atividades, se interagindo ou não, se ajudando mutuamente, e a vitória estaria certa para o ser dominante, o vencedor. No entanto, na realidade vigente não se deve desprezar a figura feminina, que em muitos casos anteriores, de tempos passados, sofria com o constante poder, sendo subordinada ou submetida.

As diferenças entre homem e mulher são bastante evidente perante a sociedade, em que se criou-se um censo comum a respeito de suas diferenças, sejam no aspecto físico, social, ou pela maneira de agir. Esta relação, entre os gêneros são indicados e aceitados de forma facilitada da tal maneira como foram constituídas (LOURO, 1997).

Weeks (1999) afirma que houve um grande discurso a respeito da diferença sexual, na qual

permitia um amplo leque de respostas sociais e políticas diferentes e, freqüentemente, contraditórias. Mas no centro das definições emergentes estavam novas relações culturais e políticas, que eram o produto de mudanças no equilíbrio de poder entre homens e mulheres. A nova percepção da sexualidade feminina e da biologia reprodutiva tinha sido absolutamente central para o moderno discurso

social e político, pois enfatizava a diferença e a divisão, ao invés da similaridade e da complementaridade. (WEEKS, 1999, p. 41).

A expressão diferença pode adquirir diversos significados de acordo com o contexto social em que está inserido, bem como a partir dos aspectos políticos e culturais, englobando fortemente o campo do feminismo, já que se trata de uma distinção entre os gêneros. Da mesma forma, que o gênero não é uma simples relação de categoria analítica, como os feministas que tem acrescentado em seus argumentos uma relação de poder, elevando os padrões de sexualidade feminina como um produto de poder dos homens para definir o que é desejado e necessário (WEEKS, 1999).

Para Louro (1997) a diferença entre gênero serviu para explicar e justificar as diversas variações que existem entre homem e mulher, na qual se buscou diversas teorias e estudos para demonstrar que existem distinções sociais, físicas, psíquicas, comportamentais, para apontar quais são os deveres e em que posições sociais cada gênero estaria atuando.

Diversos estudos realizados a respeito da temática lésbica, etnia e raça, têm grandes contribuições para teorização e a criação de proposição de práticas políticas e educativas atentas à diferença. Assim, as discussões acerca dessas temáticas exigem uma capacidade de contínuo questionamento e problematização, tornando um fato facilmente assimilável por aqueles seres interessados que buscam lidar de paradigmas permanentes, ligados a concepções mais vigentes no campo dos estudos feministas (LOURO, 1997). Da mesma forma que quando alguns homens fogem do seu padrão, considerado com normal, diferente da masculinidade hegemônica, logo são representados como o outro, usualmente, experimentam práticas de discriminação e subordinação.

A identidade de gênero está interligada a identidade sexual através de suas diversas formas de sexualidade, já que a crescente exposição de diversos estudos e conceitos relacionados com os sujeitos homossexuais que aparecem na mídia, interfere nas suas representações sociais.

Para tanto

Em nossa sociedade, devido à hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã, têm sido nomeados e nomeadas como diferentes aqueles e aquelas que não compartilham desses atributos. A atribuição da diferença é sempre historicamente contingente — ela é dependente de uma situação e de um momento particulares. (LOURO, 1997, p. 49-50).

Os sujeitos, vistos como homem e mulher, são determinados pela etnia, classe, sexualidade, nacionalidade, são participantes de um determinada religião ou entidade política,

não podem ser vistos como umas camadas, em que um se sobrepõe sobre outra, ou somando-se e agregando-se (LOURO, 1997). No entanto, deve-se haver uma relação de interferência mútua, que se articulam, podendo ser contraditórios, provocando diversas posições de ambas às partes, e neste momento que haverá os conflitos de desejos de ambas as partes e com isso, a percepção da distinção.

3.2 Aportes da homossexualidade

No dia 17 de maio de 1990, completando mais de 24 anos, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retira da lista internacional de doenças a homossexualidade, onde muitos países considerados liberais lidavam com os homossexuais como pessoas doentes, resultando cada vez mais em formas de preconceitos violentas resultantes da sociedade (GUARISO, 2013). Santos (2012) afirma que a partir desta data o termo foi considerado como algo natural, e independente da opção do indivíduo, porém algumas pessoas erroneamente ainda colocam o homossexual ao patamar de doente que necessita de tratamento.

Do decorrer da história, diversos foram os sinônimos que afloraram o preconceito da sociedade, como pecado mortal, perversão sexual, aberração, ou buscou-se levar para alguma justificativa que remetesse a doença que precisasse de uma cura.

A teoria Queer nasceu de um impulso crítico em relação a ordem sexual da contemporaneidade, associado possivelmente as demandas de diversos movimentos sociais que repercutiram na década de 1960 (MISKOLCI, 2012). Esses novos movimentos estão relacionados a rebelião pelos seus direitos da população negra dos Estados Unidos, denominados o movimento feminista da chamada segunda onda e o chamado movimento homossexual.

Nestes grupos as mulheres lutavam pela contracepção sob o controle das próprias mulheres, dos negros oprimidos em adquirir o saber e práticas de racismo e dos homossexuais considerados doentes, classificados como perigo social e psiquiátrico. Dessa forma, Miskolci (2012) aponta que a partir de uma visão política, a queer começa a surgir neste espírito de impugnação a certos grupos e seus comportamentos perante a sociedade, expressando a luta, pela aceitação da sexualidade como reprodução, ressaltando a importância do prazer e a ampliação das possibilidades relacionais.

Diversos grupos estiveram engajados na causa, envolvendo diversas classes sociais, como a média, passando a deixar sua marca historicamente na luta pelos direitos. Já na metade da década de 1980, com a maior epidemia de AIDS nos Estados Unidos, gerou maior pânico sexual de todos os tempos no país, já que houve um verdadeiro choque entre as camadas sociais e recusa do governo conservador em adotar as medidas adequadas para reverter o quadro.

Com esse impasse, o governo está a mercê da epidemia, os grupos sociais ganharam força, pela revolta da generalização da doença e sua contaminação, sendo esta a grande geradora para implantar organizações astutas e radicais, como a coalizão ligada à questão da AIDS pra atacar o poder e o QUEER NATION, de originou a palavra da teoria queer, formada pela nação anormal, estranha, isto é, a nação bicha.

A idéia principal da QUEER NATION

era a de que parte da nação foi rejeitada, foi humilhada, considerara abjeta, motivo de desprezo e nojo, medo de contaminação. É assim que surge o queer, como reação e resistência a um novo momento biopolítico instaurado pela aids. (MISKOLCI, 2012, p. 24)

Mesmo o movimento gay e lésbico batendo na tecla que esses seres humanos devem ser respeitados e vistos como pessoas normais, a teoria queer afirma que mesmo os gays e as lésbicas tendo momentos respeitáveis em algum momento histórico, eles ainda serão atacados e novamente transformados em adjetos. Para Miskilco (2012) adjeção é constituído por um temor, recursão com repugnância, de uma existência que ameaça a homogeneidade e estabilidade do que é a comunidade. Da mesma forma que nesta teoria preferiram enfrentar o desafio de mudar a sociedade de forma que a mesma aceitasse os homossexuais.

O novo movimento queer, voltando para a década de 1990, está emerso na crítica da heteronormatividade, onde os gays e lésbicas normalizados são aceitos, enquanto a linha vermelha da rejeição social é pressionada contra outros, isto é, são aqueles grupos sociais que são considerados estranhos, anormais, que não se enquadram no modelo de vida amorosa e sexual heterorreprodutivo (MISKOLCI, 2012).

A teoria queer busca tornar visíveis às injúrias, injustiças e violências que são postas na disseminação na demanda do cumprimento das normas e das conversões culturais, na qual a fereza é relacionada aos normais e aos considerados anormais (MISKOLCI, 2012). Desta forma, é visível os indivíduos que são ajustados e bem reconhecidos na sociedade, bem como

os que são humilhados, marcados, anormalizados, sendo capaz de reconhecer todos envolvidos num único sistema.

Desta forma

	Homossexual	Queer
Regime de verdade	Binário hetero-homo	Normal-anormal
Luta política	Defesa da homossexualidade	Crítica aos regimes de normalização
Perspectiva	Diversidade	Diferença
Concepção de poder	Repressora	Disciplinar/controlado

MISKOLCI, 2012, p. 27

Os diversos estudos realizados sobre os gays eram realizados por homens que não liam as feministas, isto é, que não tinham noção dos conceitos e pressupostos que envolviam este movimento. Porém a teoria queer é uma vertente do feminismo, quem vem questionando se o único sujeito do feminismo é a mulher, já que cada um dos indivíduos, sejam homens e mulheres, tem suas próprias formas de fazer e de pensar diante a sociedade, podendo qualificar como masculinos ou femininos, independentemente do nosso sexo biológico. (MISKOLCI, 2012).

Portanto a teoria queer vem enriquecer os estudos gays e lésbicos com as perspectivas feministas que estão inseridas e conceituadas nos pressupostos relacionados ao gênero, sofisticando o feminismo, ampliando se alcance para além das mulheres.

A partir da década de 1990 que foi difundido as vertentes contemporâneas nos estados culturais, passando a lidar com questões étnico-raciais e sexuais, e posteriormente a estudos pós-coloniais e a teoria queer. Esta teoria adentrou no Brasil pela área educacional, ligada a compreensão da sensibilidade crítica de nossos educadores relacionados às forças sociais impostas, desde muito cedo que em muitos casos eram denominados como modelos de comportamentos, padrões de identidade e demais formas de como agir perante a sociedade. (MISKOLCI, 2012).

Mas a escola nem sempre foi um lugar de iniciação da mudança da opressão vigente diante a sociedade, pois ela era vista como um veículo do sistema de ensino normativo, pois existia interesse do estado em unificar o estado a partir do aprendizado e da cultura vigente na escola.

A homossexualidade é uma temática bastante discutida e estudada na atualidade, seja nas várias ciências, bem como na sociedade em geral. De acordo com Maia (2009) a partir dos anos 1970 com os surgimentos dos grupos homossexuais, estes têm lutado

incessantemente pelo respeito e a aceitação da diversidade sexual e pela igualdade dos direitos. No entanto, o que se observa é que existe uma discriminação intensa contra os homossexuais, podendo ser pelo medo que a sociedade tem em ser contagioso, receio pelo desconhecido, pelo diferente. Ainda, percebe-se que os homossexuais onde passa, sofre com a discriminação, sejam pelos amigos, colegas de trabalho ou de escola, quando passa nas ruas, no âmbito escolar.

Como este incômodo já vem sendo expresso pela sociedade, há tempos os homossexuais vem agindo para reverter este quadro. Oliveira (2004) aponta que desde então, este grupo de pessoas se unem para formar associações, com propósito de lutar pelos seus direitos perante todos, direitos de liberdade e de igualdade. Neste novo espaço criado, encontra-se apoio para gays, lésbicas, bissexuais, transgênicos, amigos e familiares, sendo um espaço não financiado pelo estado, tendo que buscar ajuda e patrocínios, para manter firme o propósito. Desta forma, são as ajudas dos sócios que dão supervivência e dão um apoio para ajuda a quem precisa.

Com essa relação de repugnância da sociedade contra os homossexuais, estes tendem a viverem escondendo sua orientação sexual, com medo da reação dos amigos, familiares e da sociedade, até porque não se sentem bem com isso (OLIVEIRA, 2004). Possa ser que este fato de uma não aceitação está relacionado com a falta de informação que as crianças não tiveram durante o período escolar, de modo que são educados para terem uma vida exclusiva heterossexual, com o indivíduo gostando do sexo oposto.

Oliveira (2004) acentua que há anos os homossexuais sentem repressão em se expor, na qual

Existem vários motivos para que os homossexuais mantenham escondida a sua orientação. Muitos têm medo de perder os seus amigos, as suas famílias, têm medo de serem expulsos de casa, medo da violência física e psicológica que possa haver enquanto caminham na rua ou mesmo por parte de pessoas que lhes são queridas, medo da discriminação em geral. A família que deveria ser o maior auxílio deles, muitas vezes é a maior fonte de desestabilização (OLIVEIRA 2004, p. 5)

Na sociedade contemporânea, a partir de Guariso (2013), as formas de se viver e de construir a identidade de gênero e sexuais são ilimitadas, que deve considerar as transformações e transgressões que esta identidade sofre atualmente, através das informações que os serem humanos tem, com facilidade e rapidez.

Por muito tempo os cristãos tiveram atitudes muito negativa em relação a sexualidade dos indivíduos, tanto de conversar, como de lidar com a esta temática tão diversificada. Algumas igrejas veem que a prática homossexual é pecado, e outras veem que é uma doença,

sendo influenciadas pelas teorias que a psicanálise (OLIVEIRA, 2004). Essa teoria é negada nos dias atuais por alguns grupos sociais, porém ainda existem igrejas em pleno século 21 que descrevem os grupos homossexuais como doentes, imperfeitos, e que precisam de cura.

Oliveira (2004) emprega que “a religião diz-nos que a homossexualidade é uma aberração da Natureza, contudo, as investigações científicas mostram que a homossexualidade é uma variável normal.” (p. 15).

Levando em consideração o pensamento de Barreto (2008) a religião vê a homossexualidade como algo negativo, pecaminoso, levando-os a não assumirem uma identidade homossexual, por terem medo de retaliações divinas, por estar num mundo pecador, criarem um sentimento de culpa, de repressões familiares, e outros fatores.

Com relação ao casamento homoafetivo e adoção de criança por estes, o Uruguai deu um grande passo na história. Assim, de acordo com Schavelzon (2013) pode ser realizado legalmente a adoção de crianças pelos casais homossexuais e que a ordem do sobrenome da criança é decisão dos pais. Do mesmo modo, do permitido o ingresso dos homossexuais nas forças armadas daquele país. No entanto a igreja apresenta sua campanha contra esta posição, considerando o casamento homossexual pecaminoso, com controvérsias à famílias e aos planos de Deus perante a humanidade.

Pode-se remeter a defesas dessas leis dois lados, na qual um dos lados dá ênfase ao papel do estado e os problemas sociais, priorizando as comunidades menos desfavorecidas. Por outro lado, encontra-se os argumentos contra a reação estatal na vida pessoal, entre homossexuais.

Como forma de mudança na normalização em sala de aula que a escola impõe a seus alunos, de acordo com o sistema vigente, é a proposta de criar outros materiais didáticos escolares ou até mesmo lidar de maneiras mais criativas, explorando de outras maneiras o material disponível (MISKOLCI, 2012). Assim, esse material deve ser analisado, pelos pressupostos e conceitos que apresentam, da mesma forma a maneira de classificação que se apresentam sobre a mulher, a homossexualidade e a heteronormatividade.

Esse material deve ser revisto, já que para Miskolci (2012) a esfera que engloba a sexualidade e o desejo, que se encontra ainda no currículo de forma oculta, escondida, quase inexistente, que deve ser trazida a discurso e ao debate como parte construtiva do que aprendemos a considerar como íntimo, pessoal.

A noção de comunidade vigente no Brasil, originada de nossa cultura, que os indivíduos são aceitos ou então rejeitados pela forma de agir ou pela falta de adaptação dos

costumes e formas de agir, ou seja, do comportamento predominante, são descriminados e excluídos.

Da mesma forma que

aprender a olhar para o mundo de uma maneira não normalizadora exige mais do que pensar em famílias diversas, em inclusão, em mais do mesmo. É possível questionar a própria pressuposição de que é necessário reproduzir o existente quando podemos começar a transformá-lo. (MISKOLCI, 2012, p. 61).

A história da sexualidade, citado por Foucault apud Weeks (1999) foi desenvolvida como um corpo de conhecimento que modela a maneira que pensamos e conhecemos o corpo. Este impasse se deu a partir da sociedade disciplinar, que é uma característica das formas modernas de regulação social.

A sexualidade é um campo que engloba todos os campos e todos os indivíduos, que necessita de exploradores especialistas. Essa esfera especializada de conhecimento viabiliza argumentos que a sexualidade tem uma influência particular em todos os aspectos da vida e que o corpo fala uma verdade final (WEEKS, 1999). Desta forma a liberação sexual está em argumentos para sua atuação diante todos, possibilitando desafiar uma ordem social opressiva e foi um elemento importante para luta contra a opressão vinculada na sociedade em geral.

Neste sentido, o corpo é o responsável por promover sensações de prazer, dor, seja nos corpo masculino ou corpo feminino dando lugar a experiências bastante diferentes, como, por exemplo, o parto realizado pelos indivíduos femininos. Da mesma forma que há as sensações das nossas necessidades e desejos sexuais como acidentais ou como produtos vindos da sociedade, estando entrelaçados em nós como indivíduos, promovendo momentos que envolvem diversos sentimentos. (WEEKS, 1999).

A sociedade é uma instância que se preocupa com a vida de seus membros, na medida da segurança de todos na saúde, higiene e outros fatores, tornando cada vez mais inquietante como o disciplinamento dos corpos e com as vidas sexuais dos indivíduos (WEEKS, 1999). Daí, esse fato deu lugar ao planejamento e gerenciamento de diversos momentos, como programas de higiene, médicos, legais e a intervenções, voltados ao bem-estar para obtenção do planejamento e entendimento do comportamento sexual.

3.3 Identidade do homossexual

3.3.1 Estereótipos

Outro fator imposto pela sociedade são os estereótipos impostos nos homossexuais, representando que os gays são todos afeminados e as lésbicas são todas masculinizadas (OLIVEIRA, 2004). Sendo uma afirmação equivocada, já que todos os gays e lésbicas vestem-se iguais a qualquer outra pessoa, e que a minoria pertencem a este estereótipo. Como sofrem com a discriminação existente na sociedade em geral, os homossexuais tendem a seguir os padrões masculinos e femininos dos heterossexuais, incubando sua forma oposta de ser.

Para Santos (2003) muitos tratam os homossexuais com estes estereótipos, levando em consideração de que todos são iguais, tivessem as mesmas profissões, interesses, educação, estilo de vida, personalidade, aparência física, comportamento iguais perante a família e a sociedade.

A fala, a expressão, a entonação, a forma de conversar, expressam um pouco da identidade de cada ser humano, identificando algumas características de determinados grupos, da mesma forma que algumas gírias mostram uma marcação de identidade do indivíduo a determinado grupo.

Assim, a identidade homossexual pode ser considerada como tendo uma linguagem repleta de gírias que tem significados de momentos, objetos, situações, que estão envolvidos no cotidiano do grupo, que têm uma identidade coletiva, que para Barreto (2008) apresenta em seu campo simbólico uma forma particular de se expressar, com seus dialetos, gírias, que estão vinculadas nesse grupo, definindo a identidade desse grupo.

Pode-se ver em conversas homossexuais falarem sobre expressões como “bofe” (que significa um homem bonito, bem vistoso), “caminhoneira” (representa as mulheres lésbicas que tem características masculinas), “racha” (indivíduo do sexo feminino), e outras palavras que representam situações no seu dia-a-dia.

A maneira de se portar diante a sociedade, a família, ambiente de trabalho, em algum evento, bem como a forma de se vestir, com determinadas estilos de roupas, mais apertadas, mais justas, folgadas, curtas, longas, coloridas, determinam e identificam uma identidade de um indivíduo, ou mesmo de um grupo, sendo considerada como uma espécie de língua comum entre ambos.

Assim, é possível visualizar pela cidade, pelos parques, clubes, diversos estilos de roupas e de maneiras de se vestir, como

grupos de surfistas com suas roupas características de mergulho, ou cabelo parafinado. O mesmo pode ser dito ao ver determinados grupos de roqueiros, onde é possível verificar em muitos casos a predominância da cor preta, além de correntes,

entre outros acessórios característicos dessa tribo. São alguns exemplos de como o estilo reflete a identidade coletiva de uma tribo, se diferenciando da sociedade como um todo. (BARRETO, 2008. P. 10)

Da mesma forma que a mídia influencia do estilo e no modo de vestir de cada indivíduo, estes são bombardeados de diversos tipos de roupas, e todas são criadas visando determinados grupos, determinados estilos de vestimentas, levando a alimentar estas identidades de cada indivíduo.

No caso da identidade homossexual de acordo com a preferência de determinado estilo, não se pode determinar um estilo único e universal, porém se pode observar alguns estabelecimentos encontrados na sociedade. Para Barreto (2008) é possível observar maior cuidado com o corpo, uso de roupas que valorizem as formas e músculos. Uso de roupas mais justas, regatas, coloridas, mescladas de cores vivas e preferências por determinadas grifes são uma marca da identidade para grande parte dos indivíduos do grupo homossexual.

3.3.2 Identidade

Os termos homossexualidade e heterossexualidade foram criados, um para determinar a forma anormal da sexualidade de uma diante da outra.

Assim, para Weeks (1999) estes termos foram usados por Karl Kertbeny, um escritor Austro-húngaro, publicados em 1869, usados como questão da reforma sexual, em particular, a renovação das leis anti-sodomitas. Gostaria de assumir a disciplina da sexologia, disciplina que está em grande desenvolvimento, para definir a homossexualidade como uma forma distintiva de sexualidade, caracterizada como variante benigna, aos olhos dos reformadores, da potente mais impronunciada e uma mal definida noção de sexualidade considerada normal, a heterossexualidade.

Posteriormente, na passagem do século XIX para o século XX, houve a implicação da mudança das palavras de forma sutil, na qual a homossexualidade descreve uma variante benigna da normalidade como, originalmente, classificada como uma descrição médico-moral. Já a heterossexualidade era um termo que descreve a parte normal até pouco teorizada na época, passando a ser mais usada a partir do século XX, comparada com a outra palavra, que era seu par, e descrevia os comportamentos antônimos.

Vamos nos prender mais a história da homossexualidade, e primeiramente afirmando que a homossexualidade sempre existiu, mesmo antes do século XIX, no entanto o homossexual não.

Para Weeks (1999) a homossexualidade tenha existido em todos os tipos de sociedade, tendo seus costumes, hábitos sociais, e somente a partir do século XIX e nas sociedades industrializadas ocidentais, desenvolveu uma característica distinta e uma identidade a ela associada. Diversos autores da época tentaram apontar a descoberta ou o reconhecimento de um novo tipo de ser, um terceiro sexo, envolvida com uma essência sexual que era diferente daquela criada para o heterossexual.

Em meados de 1100, no século XII, ano que fez dois grandes padrões da organização da homossexualidade em escala mundial, revelados pelos antropólogos, se inicia um novo comportamento cultural ocidental diferente do vigente. O casamento era tardio e apenas com um(a) único(a) parceiro(a), e era proibido formas de relação sexual fora do casamento, podendo apenas ter esse ato como forma da prostituição regulada. No entanto, as formas de relação sexuais que não fossem para procriarem eram vistas como pecaminosas, seja entre homens com mulher, homem com homem, homem com animais. (WEEKS, 1999).

Quando ocorria a relação homossexual entre homens, sempre era com um adulto ativo e um adolescente passivo, considerando que o adulto masculino também tinha relação com mulheres. O garoto tinha duas vertentes após o ato sexual, de um lado se na vida adulta tornar-se um adulto ativo não sofria nenhuma perda de status ou de virilidade, tornando o ato homossexual futuro uma prova de grandiosidade e da virilidade; e por outro lado se voltasse a ter atos passivos na vida adulta, este era estigmatizado e frequentemente maltratado. (WEEKS, 1999).

A partir do século XIX, surge um novo modelo caracterizado como homossexual, que integrou na literatura científica, tendo grandes discussões para sua explicação relacionada ao estranho fenômeno, seja biológico, hormonal, ambiental, psicológica (WEEKS, 1999). Esse tipo de homossexualidade era baseado na figura masculina e nunca foi diretamente aplicável as mulheres.

A identidade da pessoal homossexual se caracteriza principalmente pela identidade vista como escolha, consideradas estigmatizadas pela sociedade mais ampla, são, sobretudo, escolhas feitas livremente. Têm-se estudado que muitos indivíduos são postos a assumirem uma identidade, derrotados pela contingência, do que serem guiadas pela vontade própria. (WEEKS, 1999).

Para se terem uma identidade pessoal estigmatizada, existem quatro estágios característicos para realização desta construção, a saber

- (I) sensibilização: o indivíduo torna-se consciente, através de uma série de encontros, da diferença dele ou dela em relação à norma, por exemplo, por ser rotulado por seus pares como "maricas" (o menino) ou "pãozinho" (a menina);
- (II) significação: o indivíduo começa a atribuir sentido a essas diferenças, à medida em que ele ou ela torna-se consciente da gama de possibilidades no mundo social;
- (III) subculturização: o estágio de reconhecimento de si mesmo, através do envolvimento com os outros, por exemplo, através dos primeiros contatos sexuais;
- (IV) estabilização: o estágio da completa aceitação de seus sentimentos e estilo de vida, como, por exemplo, através do envolvimento numa subcultura que seja capaz de dar apoio a pessoas com a mesma inclinação. (WEEKS, 1999, p. 52).

Portanto, o argumento relacionado aos sentimentos e desejos sexuais é uma parte, um momento a ser pensando separado, já que a aceitação de uma posição sexual particular é um organizado sendo de si e outro momento a ser refletido.

Além da conceituação do termo homossexual é indispensável que se trate da questão da identidade do homossexual, devendo ter a percepção de quem realmente ele é. O termo identidade por variar de acordo com o grupo em que se está inserido, de modo que esta construção é data a partir dos interesses de cada um, das escolhas de cada um, seu estudo de viver a vida, seu modo de pensar e em cada ação que realiza durante sua vitalidade.

A diversidade da identidade existe por meio de interação e socialização entre indivíduos e perceber que atualmente a comunidade dos homossexuais são determinada como Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travesti e Transexuais (LGBT), cuja identidade sexual não condiz com a heteronormatividade mais visível, ocupando espaços divergentes. (MAIA, 2009)

De acordo com Bauman (2005) o conceito de identidade é visto como um horizonte a qual o indivíduo se empenha, avaliando, corrigindo e impondo seus movimentos, se definindo como sujeito. Desta forma, o autor aponta que a identidade não aparece como algo acabado e pronto, e sim o sujeito não nasce com uma identidade pré-definida, tendo que construí-la ao longo de sua vida, sempre colocando uma peça que mudará toda uma história de uma vida, ou retirando outras, resultando no mesmo efeito.

Na vida diária, nos deparamos com diversos grupos que tem uma vida, características que os representam, tem identidade, que cada um destes proporcionar reflexões, brevemente e levemente, na nossa identidade, dependendo da intensidade do envolvimento que estes fazem em nossas vidas diariamente.

No entanto, Bauman (2005) aponta que se uma pessoa percebe-se que tem uma identidade, características e valores que estão intrínseca em si, determinando seu ser, como os homossexuais, este pode ambicionar ou lutar para ter ou negar a outra identidade e suas características.

As pessoas ao se estabelecerem em certa identidade tendem a sofrerem exclusões, quer por muitas vezes algumas identidades interferem em outros papéis que a pessoa possa representar ou exercer na sociedade. Consequentemente, há o receio, a insegurança, e para se preservar de passar por constrangimentos, uma pessoa pode ocultar uma identidade para poder ser inserido com mais facilidade ou participar de determinado grupo (BARRETO, 2008).

Um destes grupos mais perceptíveis, em que tratamos neste estudo é os homossexuais, que por

... sofrerem exclusão nos dias atuais, como a mídia evidencia diariamente, mostrando que muitos são, inclusive, submetidos a constrangimentos no momento em que expõem sua identidade em determinados locais, ou na presença de determinados grupos, chegando alguns a sofrer até mesmo agressões físicas. Isso de certa forma é um exemplo da forma como uma identidade interfere na vida de um indivíduo, possibilitando muitas vezes que esse indivíduo possa exercer suas outras identidades, fazendo-se então justa e necessária a atuação de grupos de defesa de determinadas causas, como os que defendem a causa dos negros, a causa *gay*, ou seja, que atuam promovendo uma celebração da singularidade cultural de um determinado grupo, analisando o tipo específico de opressão sofrida e se mobilizando inclusive politicamente para garantir o bem estar do grupo oprimido em questão. (BARRETO, 2008, p. 3)

Desta forma, o notório que com o passar dos tempos, é crescente o número de grupos que sofrem com o preconceito no momento de assumir sua identidade, bem como cresce sua forma de atuação na sociedade, promovendo mais movimentos sociais e políticos para defenderem seus interesses, para diminuir a discriminação e intolerância, assim como outros problemas sofridos por pessoas envolvidas com os grupos.

O preconceito promove a discriminação que os homossexuais sofrem diariamente, que em muitos casos este fato se instala com a falta de conhecimento que os indivíduos têm da realidade do indivíduo homossexual, falta de informação a respeito da vida deste grupo, que são criadas concepções negativas e irreais. (BARRETO, 2008).

Além da questão religiosa, diversos fatores impedem do indivíduo assumir uma identidade homossexual, seja no âmbito escolar em que o pai, ou a mãe, não aceita ter um filho, ou filha, que seja homossexual ou um patrão que não aceita um homossexual no quadro de funcionários.

Assim, Barreto (2008) afirma que indivíduo vive um processo de auto-reconhecimento de suas identidades, procurando vivenciar com o outro suas angústias e suas identidades, com a vivência com seu semelhante, no qual procura ser visto, ser encontrado como semelhante, tendo como estratégia o uso do campo simbólico característico dessa determinada identidade.

Pode-se levar em consideração que existem elementos que compõem o campo simbólico, que fazem parte da vida do homossexual, que possivelmente fazem parte da construção de sua identidade, como a fala, o estilo, o gosto musical, o uso de artefatos e imagens, entre outras.

A linguagem, principal forma de expressão do ser humano, mostra uma variação de acordo com a nacionalidade, com o grupo em que está inserido, em que cada um desses locais cria suas próprias gírias que podem ser expressa dentro daquele grupo, daquela comunidade, e outras que se espalham por outros grupos ou outras gírias que são importadas para outros grupos.

Com isso, Barreto (2008) afirma que a identidade homossexual é formada a partir de uma identidade coletiva, e como tal, apresenta no campo simbólico em que estão inseridos, uma forma particular de se expressar, com dialeto, gírias próprias do grupo, ajudando a definir a identidade daquele grupo.

Garcia (2013) afirma que à anos, os homossexuais são vítimas de preconceitos, que resultam em muitos casos como vítimas violentadas, e ainda são considerados como inumanos.

Um dos protagonistas da atualidade que prega a palavra conta os homossexuais é o pastor Silas Malafaia da Igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo. O pastor lança diversas ofensas sobre estes humanos, afirmando que “deveria descer o porrete nesses homossexuais” e “se tiver pastor homossexual, perde o emprego”. Desta forma, prega a superioridade sobre os chamados diferentes (GARCIA, 2013).

O pastor assegura questionar

A homossexualidade 'é um comportamento', que pode ser mudado, 'ninguém nasce gay'. Não existe ordem cromossômica homossexual. Não existe gene homossexual'. E faz uma comparação, no mínimo, infeliz: 'A mãe de um bandido ama profundamente o filho, mas pergunte se ela concorda com aquilo que ele faz? Eu amo os homossexuais como amo os bandidos e os assassinos', declarou. (GARCIA, 2013, p.18).

3.4 Homossexualidade no ambiente escolar

Na escola, as diferenças entre os gêneros, isto é a distinção entre homem e mulher, é realizada pelo currículo, procedimentos de ensino, teorias apresentadas em sala de aula, materiais didáticos, processos de avaliação. Da mesma forma que diferem a sexualidade, etnia e classe.

Desta forma, em sala de aula

demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos, pelo uso (ou não) do diminutivo, pela escolha dos verbos, pelas associações e pelas analogias feitas entre determinadas qualidades, atributos ou comportamentos e os gêneros (do mesmo modo como utiliza esses mecanismos em relação às raças, etnias, classes, sexualidades etc). (LOURO, 1997, p. 67).

Para se abordar o tema homossexualidade na escola, a partir dos estudos de Viscardi (2013), é necessário indicar que é importante analisar os seguintes aspectos:

- Perceber: Tendo em vista que a homofobia é uma realidade na sociedade, a escola deve perceber este acontecimento através de diagnósticos das relações sociais. A grande parte da escola reconhece, porém age através de ações sem promover reflexões sobre as mesmas.
- Analisar: Perceber que os alunos que sofrem com a homofobia, apontados como homossexuais, ou pessoas “diferentes”, são responsabilidades da escola, cabendo analisar como o aluno, professores e a própria escola percebem o assunto.
- Planejar a ação institucional: Deve-se planejar como a instituição irá agir no momento que se deparar com os homossexuais, como pro exemplo com um travesti (tentando impor maneiras de comportamentos), com alunos que tem dois pais ou duas mães (mostrando que há pessoas inseridas em famílias homoafetivas), quando existe violência relacionados a homofobia.
- Questionar o currículo e a prática pedagógica: é importante se questionar o que está sendo ensinado a respeito de gênero e sexualidade, envolvendo o ato de dividir equipes quanto ao gênero, integrar todos os gêneros nas atividades realizadas em sala de aula e fora dela.

Tudo se inicia também na escola a partir dos livros didáticos e paradidáticos, na qual muitos deles apresentam mundos distintos para vivencia dos gêneros, on o mundo publico é voltado para o masculino e o mundo doméstico para o feminino, bem como a representação da família típica que é constituída de mãe, pai e filhos, usualmente dois filhos; um menino e uma menina. (LOURO, 1997).

3.4.1 Homofobia no ambiente escolar

De acordo com Guariso (2013) o termo homofobia foi determinado pelo psicólogo George Weinberg nos Estados Unidos em 1972, combinando as palavras *phobos* que significa fobia como o prefixo *homo* que se remete a referência a palavra homossexual.

Viscardi (2013) aponta que em pesquisa realizada em escolas do Distrito Federal que questionava: “quem você não queria que fosse seu colega de escola?”. A resposta que mais prevaleceu nas respostas dos alunos era homossexual. Percebe-se uma grande rejeição da sociedade, e esta reprodução situa-se na escola, que por sua vez não conseguiu buscar discussões ou alternativas de sanar esta realidade.

Os preconceitos existentes e impostos pela sociedade contemporânea em decorrência da orientação sexual e da identidade de gênero vêm ganhando diversas pesquisas, debates, que estão incumbidos de estudar as especificidades das identidades e sexualidade, envolvendo os aspectos heteronormativo exposto pela sociedade, visando um modelo de identidade vinculado a todos.

Com este fato, e com as diferenças entre as identidades de gênero, há diversas manifestações, físicas, oral, através de momentos de confortos para os que não se adaptam a um modelo de identidade vigente pelos heterossexuais, seja masculino ou feminino. Estes momentos são caracterizados como homofobia, levando muitos gays, lésbicas, travestis, bissexuais, a serem mortos, tornando destaque em jornais e revistas locais ou nacionais em estados e municípios. O termo gênero diz respeito ao ser feminino e ao ser masculino, que são constituídos num processo sócio-político-econômico, e, portanto é um processo criado e transformado pelo contexto histórico.

A escola é um ambiente propício ao desenvolvimento da exclusão dos indivíduos diferentes, com uma identidade diferente das demais, com diversidade sexual, e este fato se dá, de acordo com Andrade (2013) por neste ambiente ter múltiplas formas: através das práticas curriculares, do ensino das diversas disciplinas, do exercício da disciplinarização dos corpos e das sensibilidades de alunos(as), professores e dos demais profissionais da educação, além de questões históricas e políticas vigentes na escolas, que constitui um espaço onde, a discriminação, o preconceito e a homofobia encontrem espaços institucionais para seu desenvolvimento.

Com relação à grade curricular Viscardi (2013) assinala que o tema da homofobia deveria ser implantada no currículo, seja nos livros didáticos ou através de imagens, colocadas nos temas que surgem em sala de aula, tornando uma série de momentos nos quais o tema diversidade poderia ser explanado, o que é de fato realizado.

Os professores devem ser guiados a não ter qualquer preconceito, construindo uma prática educacional que vise o respeito ao próximo, independente do gênero, religião e orientação sexual e política.

A partir de Santos et al (2013), tomando como referência o contexto escolar, as relações de gênero circulam de maneira fluida e espontânea, e com isso a escola torna-se um palco de manifestações de (pré)conceitos e de ressignificação das questões de gênero.

A escola, há tempos, vem buscando maneiras, ferramentas, de reduzir a visão global, ou grupal, do outro aluno que é “diferente”, que foge do quadro do único componente do modelo heteronormativo, na qual este é visto como doente, pecador, estranho, inferior, e outros termos que menospreze este ser.

Com isso, a escola se configura como um ambiente de opressão, discriminação e preconceitos, ocupando um quadro violento contra os corpos e as sensibilidades de milhares de jovens e adultos lésbicas, gays, bissexuais, travestis, levando-os a situações delicadas de negação, autculpabilização, levando-os a rejeitarem-se a si mesmos no espaço de significação do mundo: o corpo (ANDRADE, 2013).

Para Maia (2009) nos poucos momentos em que é trabalhada a sexualidade no espaço escolar

o homossexual é tratado como um ser invisível aos olhos do(a)s gestore(a)s e equipe pedagógica, não sendo assim tratada como deveria pela instituição na tentativa de coibir atos discriminatórios e preconceituosos.(MAIA, 2009, p.274)

Da mesma forma que a temática sexo é tratada diante do aluno superficialmente, na qual o aparelho sexual é mostrado como apenas como tendo uma tarefa de reprodução, tendo o termo sexo o significado de sinônimo de procriação. O sexo como prazer é raramente comentado nas salas de aula, porque a escola teme em lidar com esta temática com receio de influenciar o alunado (SANTOS, 2012).

Sobre a negligência da escola Viscardi (2013) contribui que

Com a falta de um projeto de convívio escolar mais amplo, as escolas vivem na chamada ‘lei do silêncio’. Há um grande número de jovens que abandonam os estudos, pois não agüentam o sofrimento. (VISCARDI, 2013, p. 40).

Da mesma forma que a escola não tem projetos para atuarem nestas situações, resolvem apenas ajuda o abandono escolar daquele(a) aluno(a) que sofre com a homofobia,

não agindo, não tomando providências, não aconselhando. Outra forma de agir da escola é a expulsão do homofóbico do ambiente escolar, por não conseguir lidar com a situação.

É de suma importância que haja um ensino voltado para não violência da escola, para que lute contra os geradores que promovem os conflitos nas escolas. Para Guariso (2013) a tarefa é árdua porque os seres humanos são propícios a valorizar as suas qualidades e da comunidade em que vivem, e alimentar os preconceitos que rotulam aos outros.

Na escola, a homofobia provoca um tipo de privação de direitos de todos, seja jovens ou adultos, promovendo a interferência de expressar o rendimento esperado de cada um no sucesso escolar. Apenas será exposto a opressão, intimidação, insegurança, isolamento, e outros sentimentos que geram o desinteresse da escola, dos professores, relacionados aqueles alunos, resultando no abandono escolar e evasão, prejudicando a educação daquele ser humano.

Daí, a ausência de solidariedade dos professores e educadores da instituição e da comunidade escolar perante as cenas de assédio moral contra os estudantes LGBT poderá levar a produção de mais efeitos agressivos, encorajando seus cúmplices a ir mais adiante. (ANDRADE, 2013).

No ambiente escolar, diante da problematização da homofobia, necessita “de uma práticas pedagógicas, posturas e arranjos institucionais eficazes capazes de abalar as estruturas e os mecanismos de (re)produção das desigualdades e das relações de força” (ANDRADE, 2013, p. 421), lidando com vínculos indenitários pautados por vitimíssimos, ressentimentos e ódios.

Da mesma forma que é necessário despertar o olhar crítico a respeito da prática educativa efetiva pela e na escola, a respeito dos aspectos de gênero, junto aqueles(as) que a planejam e efetivam nas práticas escolares e no currículo. (SANTOS et al, 2013).

A escola, ao se deparar com as ações homofóbicas dos alunos, está sendo forçada a rever padrões normativos estereotipados que produzem a sexualidade dos estudantes dos estudantes e o acirramento de manifestações de grupos conservadores (MAIA, 2009).

A escola deve incluir em seu currículo as temáticas envolvidas no espaço homossexual, e

que orientam sobre a convivência ética e respeitosa no seu espaço próprio, bem como para o contexto externo, no intuito de conduzir às finalidades de exercício pleno desenvolvimento da educação e da cidadania. (SANTOS et al, 2013, p. 433)

Uma vez que os educadores se conscientizarem do seu papel perante os alunos seja de promover os direitos humanos, contribuindo para ampliação dos horizontes desses alunos, lembrando que todos os indivíduos historicamente construída de sexismo, homofobia e racismo, que prejudicam fortemente na identidade cultural e práticas.

Também, a homofobia tende a diminuir se o indivíduo for capaz de superar os antigos paradigmas e preconceitos, que ainda estão impregnados na sociedade, sendo assim, que o mecanismo de atuação mais eficaz é o conhecimento, que por sua vez elimina as barreiras tornando as pessoas mais sensíveis para integrar e eliminar as diferenças (GUARISO, 2013).

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

4.1 Tipologia da pesquisa

O estudo está inserido numa pesquisa de campo, a partir de uma abordagem qualitativa, a ser realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Inovador Integrado à Educação Profissional José Leite de Souza. Também, um levantamento bibliográfico sobre os conceitos e estudos envolvidos na homossexualidade, o convívio familiar, escolar e social, visando a homofobia vinculada nestes adolescentes.

4.2 Definição do Universo

A delimitação do universo a ser estudado, estará envolvida os alunos que estão devidamente matriculados e cursando as séries do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Médio Inovador Integrado à Educação Profissional José Leite de Souza, para identificar a problemática deste estudo, visando a parceria com os alunos.

A amostra da pesquisa selecionada será os alunos homossexuais que aceitaram e divulgaram sua situação sexual, estando em plena consciência dos seus atos, desejos, anseios e as problemáticas que devem vivenciar diariamente.

4.3 Elaboração da técnica e dos instrumentos de investigação

A coleta de dados acontecerá a partir de um questionário, na qual os alunos deverão responder perguntas abertas a respeito do convívio social e escolar, relacionamentos, pretensão e homofobias que convivem e presenciam. Também, serão analisados acontecimentos a vivência dos homossexuais no contexto escolar vivenciadas por mim, bem como a identidade da homossexualidade, os tormentos que os alunos passam no âmbito escolar e dos momentos de homofobia que estão voltadas contra estes adolescentes.

A investigação aconteceu a partir de pesquisas levantadas a respeito das especificidades do mundo da homossexualidade, envolvendo o convívio do indivíduo no

ambiente escolar, familiar e social, e confrontar com as experiências vivenciadas na escola e na sala de aula pelos profissionais da educação, para criar um questionário voltado para a realidade dos alunos, que esteja relacionado para as inquietações que surgem nos momentos da prática docente.

4.4 Fases da coleta de dados

Na primeira fase foi levantadas os estudos relacionados a temática, conceitos e informações que autores apontam sobre a homossexualidade, envolvendo os contextos sociais, familiares e escolar, de modo que possa obter informações necessárias que englobem e tenha paralelismo com a realidade na Escola que será realizada a pesquisa.

Na segunda fase houve a criação do questionário, sua aplicação e a conversa com os alunos a respeito dos problemas que os homossexuais enfrentam, o convívio em sociedade, na família e na escolar, sempre visando maneiras de atuar através de práticas que envolva o respeito a todos os indivíduos.

Na fase final, decorreu uma análise dos dados coletados, sua interpretação e a obtenção dos aspectos reais a respeito da vida dos alunos homossexuais no ambiente escolar, nos momentos em sala de aula e nas possíveis formas de intervenção que podem ajudar estes alunos a estarem cada vez mais inseridos e fazendo parte do processo educacional.

4.5 Análise e interpretação dos dados

A análise dos dados será através da apreciação das respostas dos alunos, confrontando com as pesquisas realizadas por outros autores, por meio de livros, artigos, revistas, para relacionar com as respostas apresentadas pelos alunos que estão vivenciando as especificidades do convívio homossexual com as teorias que estes estudiosos deparam.

5 RESULTADOS

Esta parte está destinada a entrevista realizada com quatro alunos, a respeito de sua sexualidade, aos problemas enfrentados pelos mesmos relacionados com a família, sociedade e escola. Também questões envolvendo a descoberta da homossexualidade, os desejos, anseios e aceitação pela diversidade.

Para maior sigilo dos participantes da pesquisa, serão nomeados a partir de agora os quatro alunos, dois meninos e duas meninas, que contribuíram para realização desta pesquisa, como o Aluno A (um aluno homossexual do sexo masculino), Aluno AA (outro aluno homossexual do sexo masculino), Aluna B (uma aluna homossexual do sexo feminino) e Aluna BB (outra aluna homossexual do sexo feminino).

5.1 Perfil dos participantes da pesquisa

Os quatro alunos frequentam as aulas do Ensino Médio, três deles estavam matriculados e frequentando o 3º Ano e uma das alunas do 2º Ano. Os meninos tem 18 anos, a menina que estava no 3º ano tinha 19 anos e a outra 18 anos. Ambos participantes da pesquisa residem na cidade de Monteiro, em bairros diferentes da cidade.

O Aluno A é proveniente de família de classe média, residindo em um bairro considerado na cidade como nobre, e foi transferido para a escola pública, neste caso a Escola Estadual José Leite de Souza porque estava com dificuldades de acompanhar os estudos na escola particular.

O aluno AA pertence a uma família humilde, de indivíduos trabalhadores, com vários irmãos, isto é, uma típica família brasileira. Reside em um bairro considerado comum, em que todos devem buscar alguma renda para terem um futuro promissor, da mesma forma que buscam cada vez mais uma educação voltada para o desenvolvimento pessoal e profissional.

A aluna B mora no centro da cidade, com a avó e a mãe. É considerada uma família desestruturada, na qual a mãe é passiva com relação às atividades domésticas e com os cuidados com a filha, tornando a avó a responsável por todos e todas. O pai da mesma não se responsabiliza pelos atos da filha, mal a conhece, e com isso fica isento de responsabilidades que englobam a saúde, educação, sentimentos e outros fatores importantes para vida familiar e social.

A aluna BB mora em uma família considerada normal pela sociedade, um pai que trabalha, uma mãe dedicada à família, um irmão que faz um curso superior da cidade de Monteiro-PB e a filha, a aluna que está cursando o 2º ano do Ensino Médio, com sonhos a serem realizados, como um emprego e uma boa remuneração e reconhecimento, família e filhos para criar. Porém, não almeja uma família considerada “padrão”, mas da maneira homossexual de ver a vida e o amor.

Vale salientar que os meninos são colegas de classe, não tendo grandes afinidades entre si, e que as meninas namoram a mais de 6 meses.

5.2 A descoberta da homossexualidade

A descoberta dos alunos da sua homossexualidade foi de forma semelhante e ao mesmo tempo distinta, não pela vontade de ter relação ou proximidade com outro indivíduo do mesmo sexo, e sim pela forma que aconteceu o primeiro contato, alguns planejados outros inesperados.

A descoberta do Aluno A se deu pela curiosidade do mesmo em saber o que o outro colega de classe escondia por baixo da roupa, do short, mesmo sabendo que ali estava um órgão genital masculino, mas o interesse de saber, de ver, ecoava mais alto em sua mente. Por volta do 8º Ano, em meio a um passeio com familiares e amigos, o Aluno A planejou um banho em um lago com duas amigas e um devido rapaz, que o chamava atenção. Como as meninas sabiam dos planos do Aluno A, trataram de deixar os meninos a sós no local onde estavam tomando banho. E ali, iniciou-se brincadeiras inocentes de empurrar, de bater, de pega-pega, e em uma destas iniciou-se a passagem de mãos nos órgãos genitais. De imediato, o Aluno A sentiu uma sensação de medo, desejo e ansiedade. Com a descoberta do desejo pelo menino, e conseqüentemente por um indivíduo do mesmo sexo, sentiu-se diferente dos outros garotos da escola, que desejavam as meninas.

O Aluno AA, teve suas primeiras experiências homossexuais numa idade precoce, por volta dos cinco anos, onde o mesmo não sabe descrever se houve sensações boas ou ruins, se pecaminosas ou amorosas perante o indivíduo do mesmo sexo. Apenas ressalta que teve relações ao toque, sem penetração, como passear com as mãos no corpo do aliciador, bem como em seus órgãos genitais. No entanto, o Aluno AA afirma que não foi forçado, de forma abusiva, pelo contrário, ele quis, estava interessado no ato, no toque.

A Aluna B, era considerada a menina masculina, que por ser de uma família desestruturada, com o pai ausente na família, a mãe ser passiva nas ações da filha e agregando com as questões homossexuais, implicaram em uma menina que agia da maneira que interessasse a si mesma, tanto na aparência, como na maneira de agir. Quando criança, a aluna afirma que adorava brincar com os meninos, de correr, futebol, de luta, sempre era a mais forte entre eles. Começou a ter comportamentos masculinos, agindo com arrogância e brutalidade (não que todos os homens sejam assim, mas ela tomava essas atitudes como masculinas) e foi entre uma dessas conversas masculinas, de desejar as meninas, como iniciação da paquera, dos fervores da testosterona, que iniciou o desejo pelas meninas, por seus corpos, o toque da pele, e com isso a Aluna B percebeu que era diferente das meninas, da delicadeza, da meiguice, do romantismo, aproximando-se mais do padrão masculino e do universo dos homens.

A Aluna BB declarou que nunca procurou envolver-se com meninas e nem com meninos, gostava das brincadeiras com as meninas, de andar com mãos dadas na escola com as colegas, de vestir e trocar de roupa perante as colegas, ver umas as outras com roupas íntimas ou nuas, e isso foi atraindo uma curiosidade sobre o beijo delas, como seria tentar beijar uma menina. A aluna se perguntava se era pecado ou um simples beijo de amizade? Só depois de uma provocação de alguns rapazes a respeito de sua heterossexualidade, ela quis provar que era diferente do que as rotulavam, de sapatão, e beijou um garoto. Porém, o não desejo pelo sexo oposto só a fez perceber que era diferente das outras garotas, porque desejava amar e ter relações com outra garota.

5.3 Comportamentos e orientação sexual dos alunos

Com relação aos problemas que os alunos têm em relação a sua orientação sexual na família, o Aluno A afirma que não tem, afinal desde sempre a família aceitou a maneira de agir do aluno, sempre souberam deste fato e sempre apoiando nas decisões do aluno perante a sociedade. Segundo o mesmo, a família não tem grandes problemas em relação a sua orientação sexual, porque o aluno afirmou que “é quieto e sei se comportar em sala de aula e na rua também, não dou asa pra o que o povo fala de mim” (Aluno A).

O Aluno AA ressaltou que a família aceita sua orientação sexual. No entanto, o aluno afirma que a família fica inerte, sem ação em suas atitudes, o que dá a percepção que isto é

uma forma de preconceito, pois já que os mesmos não falam sobre o universo da homossexualidade não tem interesse em saber o que se passa na vida afetiva do aluno.

A Aluna B aponta que às vezes tem problemas por ser homossexual, principalmente nos momentos em que seus amigos e amigas estão em sua residência, por serem gay e lésbicas, na maioria das vezes, a avó e a mãe da aluna, não aceitam o fato de ter amigos homossexuais, e com isso vêm as reclamações e as brigas, promovendo momentos de irritabilidade para todos.

Já com a Aluna BB, não há problema algum, porque a família aceita a forma de agir, de se impor da aluna, apoiando em todas as decisões que não venha prejudicar a moral e a saúde dela. Para a aluna, sua mãe é a que mais a apoia, e “ela me disse que independente de minhas escolhas ela vai me amar do mesmo jeito.” (Aluna BB).

Com relação a postura de sua orientação sexual, relacionado ao comportamento com o colega, com os familiares e a comunidade em geral, o Aluno A e o Aluno AA apontaram que agem normal da sociedade, de forma simples, espontânea, independentemente de quem seja, e que independente da orientação sexual de quem esteja convivendo momentaneamente o comportamento é o mesmo. Já para as meninas, ocorreu um pouco diferente, onde a Aluna B afirmou que seu comportamento é normal, no entanto não se abre para todas as pessoas a respeito de sua orientação sexual, e sobre essa questão a Aluna BB descreveu que age “naturalmente com todos e procurando guardar minhas escolhas para me mesma” (Aluna BB).

5.4 A homofobia no ambiente escolar

Quando perguntado aos alunos se eles sentem algum problema na escola com relação a sua orientação sexual, o Aluno A e o Aluno AA afirmaram que às vezes se deparam com alguns problemas, porém são coisas simples que dá para “driblar” no dia a dia, como por exemplo palavras e brincadeiras ofensivas. Já com as meninas, não acontece nenhum problema, pois as mesmas agem de forma natural diante de todos, procurando não se expor com frequência.

Sobre os momentos de homofobia com o aluno ou com outros colegas na escola, como os alunos e os professores reagem, bem como a Direção da escola, os alunos agiram de forma semelhante, onde afirmaram que os colegas os defendiam, pedindo para respeitar os direitos

de todos, e mais “orientando os alunos a respeitar os demais, e explicando que cada um tem que ser feliz independente do que se escolhe.” (Aluna BB)

Em relação aos momentos em que se está perto ou no mesmo ambiente de pessoas homofóbicas, ou de colegas que fazem bullying com o aluno, eles afirmaram que nestes momentos é “de aflição, pois sei que tem pessoas que estão me olhando como se fosse uma pessoa diferente e errada” (Aluno A), “me sinto com medo, porque tenho medo de me baterem e me agredirem verbalmente” (Aluno AA), “de insegurança” (Aluna B) e “apenas fico calada e não discuto pois não vale a pena” (Aluna BB).

5.5 Diferenças e incentivos dos amigos

Quando perguntado aos alunos qual o sentimento que sentem com relação aos alunos e pessoas próximas que aceitam e incentivam sua orientação sexual, os Alunos A e Aluno AA afirmam que há um sentimento de felicidade, pois sempre haverá alguém que apoie em todos os momentos, já que todos tem o livre arbítrio de agir da maneira que quiser. As Alunas B e Aluna BB disseram que se sentem seguras, e bastante felizes, porque sempre terá alguém que compreendam em todos os momentos da vida.

Ao serem questionados a respeito do sentimento de indiferença dos demais colegas de classe ou pessoas da comunidade, os meninos foram firmes em responder que não, porque têm um relacionamento amigável com todos, sejam homossexuais ou não. Já as meninas, afirmaram que não se sentem diferentes, pois os mesmos direitos que os demais têm, elas sentem os mesmos desejos, não se achando melhor e nem diferentes dos demais, mesmo assim agem da mesma forma das demais, sem chamar muita atenção.

5.6 A escola e a homossexualidade

Ao questionar aos alunos o que esperam da escola com relação ao preconceito com os homossexuais, podemos ver as respostas no gráfico abaixo:

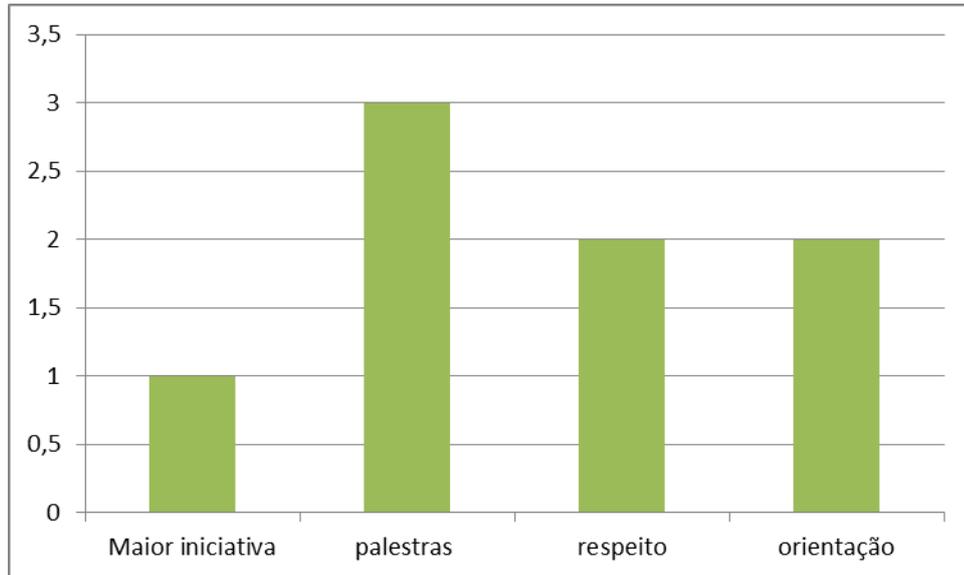


Gráfico 1: representação gráfica das possíveis ações da escola contra o preconceito

Percebemos que três dos alunos pesquisados desejaram que a escola agisse contra o preconceito através de palestras, com mais orientações a respeito das alusões sexuais, dois alunos apontaram a trabalhabilidade com o respeito e outros dois com a orientação que viabilizem conscientização do alunado com a afetividade e a vida do homossexual e um aluno que se tenha maior inventivo da escola para com os aspectos da homossexualidade.

Com relação a uma possível solução para que as pessoas vejam os homossexuais como pessoas inseridas na sociedade, de modo que todos convivam com harmonia, os alunos discorreram que (ver gráfico 2)

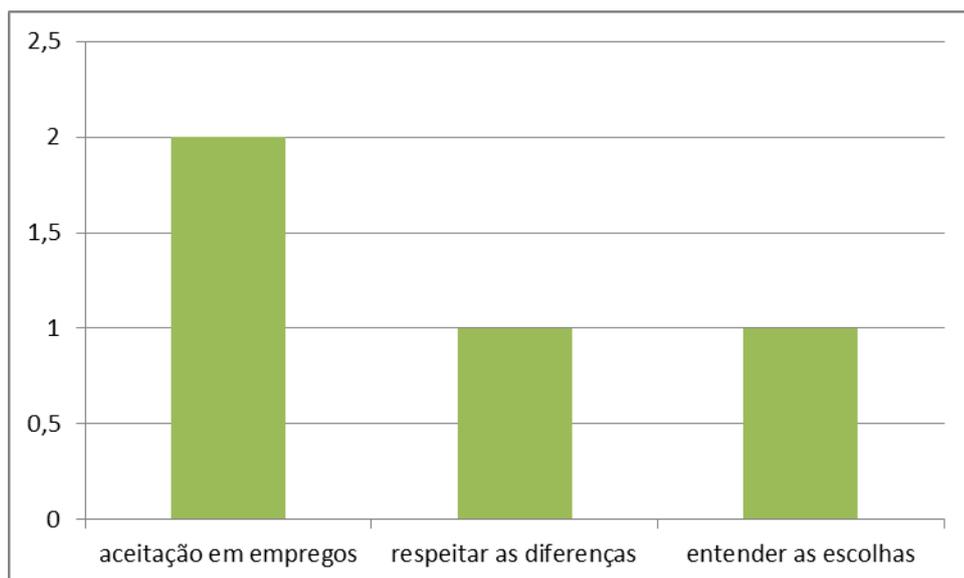


Gráfico 2: representação gráfica das possíveis ações da escola contra o preconceito

Para os meninos, estes apontaram que a melhor maneira de aceitação dos homossexuais seria a aceitação em empregos, sejam simples ou mais complexos, onde alguns perdem oportunidade por ter uma orientação sexual diferentes dos demais. Já as meninas apresentaram suas respostas mais voltadas para o respeito e o entendimento das escolhas não normativas da sociedade heterossexual vigente.

Em relação a questão se alunos tiveram alguma orientação de professores, amigos, familiares, sobre a educação sexual, a prevenção de doenças e o modo de agir em sociedade, todos os alunos afirmaram que sim, em que os meninos ponderaram que tiveram através de palestras e familiares, e nas meninas foi abrangido estes momentos na escola através de apoio e orientação, bem como de familiares, como irmão, que ajudou a seguir adiante, encarando a sociedade.

5.7 Experiência na homossexualidade

Em relação a maior e mais forte experiência que o aluno viveu que estava relacionado a orientação sexual, podendo ser sobre bullying, preconceito, problemas familiares, amor, amizade verdadeira da família, e outro momentos marcantes, o Aluno A afirmou que “estou vivendo hoje o momento mais feliz da minha vida, por agir do jeito que quero e que mais gosto”, já o Aluno AA disse que “a experiência mais forte da minha vida é o que estou vivendo hoje pois namoro com outro garoto e minha mãe está me apoiando e isso me faz muito feliz”. A Aluna B afirmou que “minha maior e melhor experiência é a que estou vivendo com minha namorada, ter que passar por coisas difíceis, como fazer com que as pessoas aceitem que a gente se gosta e que vamos sempre ficar juntas”. A Aluna BB descreveu que “minha maior experiência é a que estou vivendo hoje que estou namorando, que por ela eu decidi contar pra minha mãe, decidi falar e foi muito melhor que ela me aceitou normal e hoje em dia estou muito feliz com a minha namorada, e já vai fazer 6 meses que eu me assumi [...] e que estou com meu amor”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Homossexualidade é um campo que engloba diversos fatores e conceitos que antecedem, de acordo com a história, o preconceito, a normalização, as diferenças, diversidade, homofobia e outros fatores, pois todas as ações que o homem vem expondo diante o homossexual, seja o gay ou a lésbica, teve sua origem de momentos vivenciados na antiguidade.

Assim, cada ação contra o homossexual pode ser apontada, de acordo com a teoria queer, como uma reação da normalidade do heterossexual, onde a diferença não é o ponto foco desta, e sim a diversidade, onde não engloba exclusivamente o homossexual e sim todos os grupos que tenham comportamentos, modo de ver e atuar em sociedade com diversidade, como os grupos feministas, os negros, e outros.

Na questão da identidade, os indivíduos que estão inseridos em determinados grupos sociais ou até mesmo na sociedade em geral, tendem a adotar comportamentos e formas de percepção do mundo, visando identificar os que estão com comportamentos considerados normais e frequentes na maioria dos indivíduos e julgando com diferente, doente, anormal, outros seres que não estão padronizados com os demais, julgados e ridicularizados, em muitos caos, fisicamente e verbalmente.

Em muitos casos os homossexuais são levados a assumir sua identidade com tal, pois o modo que é impulsionado pelos heterossexuais, pela homofobia imposta e pelo desejo de agir livremente, acaba por aceitarem cada marginalidade que sofrem, caracterizado como ação normal. No entanto, todos devem ter uma ação de alteridade, na qual um assume o outro, se pondo no papel do outro, e com isso perceber o sofrimento e impasses que os homossexuais vivenciam diariamente, seja na escola ou na comunidade em geral.

Com relação a pesquisa levantada com os alunos sobre sua vivência na escola, sociedade, família, e o envolvimento do aluno com sua orientação sexual, podemos tirar diversas conclusões a respeito desse impasse.

Os homossexuais, sejam gays ou lésbicas, estão a cada dia mais assumidos, expondo seus desejos, afetividades, sonhos, e principalmente a sua orientação sexual, lutando para que todos os amigos, colegas de classe, alunos da escola, familiares, e a comunidade em geral os aceitem da forma que são, apoiando no âmbito escolar e familiar, impondo conselhos e limites para que vivam em harmonia em sociedade.

Através dos alunos pesquisados, percebe-se que estes agem da mesma forma perante todos, independentemente do ambiente (como na sociedade, em locais públicos, escola e família) e da orientação sexual em que se está inserido (como colegas e amigos gays ou lésbicas, bem como heterossexuais). Estes lidam com outros indivíduos de maneira alegre, com simpatia, tendo a cautela de não se expor muito para grupos de pessoas que tenham características homofóbicas.

A escola tem obrigação de lidar com a diversidade, na qual os professores ajudam através de momentos que trabalhem a homofobia nos alunos, como palestras, apresentações, documentários, aulas expositivas, ajudando e intervindo nos momentos de tensão entre os alunos que causam problemas na vida educacional do aluno homossexual. No entanto, estes no papel da vítima apontam que a escola deve trabalhar mais o lado da homofobia, viabilizando metas a serem triadas, com ações que englobem a vivência da homossexualidade da escola, sociedade e família.

Quando estão na presença de amigos e pessoas que os apoiam, os alunos pesquisados agem de forma espontânea, sem preocupação sobre o que pensam ou falam a terceiros sobre sua orientação sexual.

Esta forma de agir é totalmente antônima a ação adotada por estes alunos quando estão presentes de pessoas homofóbicas, que provocam o bullying sobre sua orientação sexual, ficando mais atenciosos na forma de agir, de falar, de se expressar, para tentar passar o mais discreto possível na situação.

Enfim, a escola deve voltar sua atenção para os problemas envolvidos com os homossexuais, ajudando-os com práticas educativas que levem todos a refletir sobre a presença da diversidade na escola, na comunidade e na família. Este trabalho poderá ser através de palestras, da alteridade entre os colegas de classe, percebendo a vida e desejos de cada aluno, independente das diferenças. Será um trabalho árduo, porém necessário para promover melhor educação entre todos os alunos da nossa escola, mantendo a harmonia e a solidariedade de todos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. O. A Educação que se pergunta pelo corpo: debatendo gênero, sexualidade e homofobia na escola. In: SILVA, A. P. D; RIBEIRO, M. G. (org.). **Rumos dos estudos de gêneros e de sexualidade na agenda contemporânea**. 1ª edição. Campina Grande: EDUEPB, 2013, p. 417-428.
- BARRETO, R. C. V. **A homossexualidade em foco: Discutindo o padrão masculino dominante**. ENCE/IBGE, 2008. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/nucleomulher/arquivos/homossexualidade%20em%20foco_rafael.pdf >. Acesso dia 20 dez. 2013.
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editora, 2005.
- GARCIA, E. C. Ser humano soberano, perigoso e maquiavélico. **Revista Filosofia, Ciência & Vida**. Ano VII, nº 80. mar 2013. p. 15-23.
- GUARISO, M. Homofobia: um preconceito crescente. **Revista Filosofia, Ciência & Vida**. Ano VII, nº 83. jun 2013. p. 36-43.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MAIA, A. C. B. Sexualidade, Deficiência e Gênero: reflexões sobre os padrões definidores de normalidade. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. UNESCO, 2009. p. 265-291.
- MISKOLCI, R. **Teoria Queer: Um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.
- MOLAR, J. O. Alteridade: uma noção em construção. In: VIII Congresso nacional de educação (EDUCERE) e III Congresso Ibero – Americano sobre violência nas escolas (CIAVE). Curitiba: PUCPR, 2008, p.1443-1445.
- OLIVEIRA, S. R. F. **Homossexualidade**. Universidade de Coimbra, Faculdade de Economia, 2004. Disponível em : <http://www4.fe.uc.pt/fontes/trabalhos/2004002.pdf>. Acesso: 20 dez. 2013.
- SANTOS, A. L. P. *et al.* Relações de gênero e homofobia nas escolas: um estudo no brejo paraibano. In: SILVA, A. P. D; RIBEIRO, M. G. (org.). **Rumos dos estudos de gêneros e de sexualidade na agenda contemporânea**. 1ª edição. Campina Grande: EDUEPB, 2013, p. 417-428.
- SANTOS, V. Homossexualidade no ambiente escolar. **Rev Elet: LENPES-PIBIC de Ciências Sociais** – UEL. Edição Nº. 2, Vol. 1, jul-dez. 2012.

SANTOS, V. S. **Uma perspectiva cristã sobre a homossexualidade**. FIDES REFORMATATA, VIII, nº 1, 2003, p. 99-132.

SCHAVELSON, S. Porque o Uruguai nos surpreende? **Revista carta na escola**. Nº 79. set 2013. p. 22-25

SILVA, T. T. (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. 10. Ed. Petrópolis: Vozes. 2011. p. 73-102.

_____. Discurso e Identidade: o currículo multiculturalismo. In: _____. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 85 – 90.

VISCARDI, K. Homofobia na escola. **Revista Pátio Ensino Médio**. Ano 4, nº 15. fev 2013. p. 40 – 43.

WEEKS, J.. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.